

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário Regionalista - Preço: Eur 0,50

EDITORIAL

Poucas pessoas haverá em Portugal que se preocupem em separar o ESTADO português do GOVERNO de Portugal.

É no entanto abissal a diferença entre uma e outra terminologia. O Estado português é velho, de mais de oito séculos, e tem sobrevivido e sobrevirá a todos os desmandos dos mais diversos governos que o tem dirigido: umas vezes bem, a maior parte das vezes mal, os homens que se tem sentado na cadeira do poder em Portugal, muitas vezes tem tentado destruir o ESTADO português.

Um das vezes por vicissitudes da História, outras por incompetência ou ainda por interesses inconfessados, a maior parte das vezes "vendendo-o" aos espanhóis mas lembro-me das muitas ocasiões em que isso aconteceu, sendo a mais conhecida entre a população a dominação de Castela sobre Portugal no tempo dos "Filipes - I, II, III - até que uma revolução popular, iniciada em Évora pelos Conjurados, terminou anos depois com a coroação em Lisboa de D. João, Duque de Bragança como Rei, com o título de D. João IV, reconquistando a nossa independência e dando início a um longo período de prosperidade e desenvolvimento do país.

Tudo isto para nos trazer até à história actual

em que a degradação e abusos da monarquia provocaram a proclamação da república.

Já durante esta, e apesar de ter menos de cem anos de vida, pontilhada já de diversos golpes e contra golpes, uns justificados outros não, que desembocaram na "revolução" do 25 de Abril de 1974. Coloquei propositadamente entre aspas a palavra "revolução", pois para mim foi muito mais um golpe de estado do que uma revolução.

ESTADO ou GOVERNO

A história habituou-nos a associar revolução a morticínios em massa, a guerra civil, motivo porque a todos nós nos repugna esta palavra; quem esqueceu já a Revolução Francesa e as atrocidades cometidas, que por si só justificam essa repulsa?...

Mas a revolução pode e deve ser associada simplesmente a uma revolução de mentalidades, a uma alteração de comportamentos que os verdadeiros revolucionários devem provocar na população opondo aos desvarios dos vencidos, um comportamento diferente e coerente com os ideais que propagandearam nos momentos de transição.

Curiosamente, e isso será certamente um

juízo que a história um dia virá a fazer - é ainda muito cedo para que, desapaixonadamente, esse estudo possa ser feito - os homens, quase todos militares que fizeram a revolução do 25 de Abril cumpriram e tiveram - quase todos - um comportamento exemplar entregando o poder aos civis como se tinham comprometido. Apesar de terem cumprido as suas promessas, pagaram quase todos um preço demasiado para quem deveria receber agradecimentos por terem restituído ao Povo o poder que sempre lhe pertence. Permitiram até, aos governos que se lhes seguiram, por impreparação uns, má fé ou venalidade outros, não dar continuidade às intenções que estiveram na génese do movimento de que se apropriaram.

O ESTADO, queremos que seja para nós, Portugueses, perene e inalterável e todos nos devemos orgulhar da nossa nacionalidade. Em qualquer parte do mundo onde estiver um português, estará com ele o orgulho dos nossos antepassados que, verdade seja dita, nem sempre pelos melhores motivos construíram, apesar disso, um mundo novo que ninguém contesta e todos os povos do mundo invejam.

Exijamos, pois, todos a qualquer Governo democraticamente eleito que esteja no Poder, que dirija como é seu dever, com lealdade, lisura e honestidade, a missão para que foi investido e que jurou cumprir.

EDMUNDO MARQUES

VULTOS DE ESPOSENDE - 11

Por ARTUR L. COSTA

BIG. CUSTÓDIO CÉZAR DE FARIA FREIRE DE ANDRADE
O Herói na Praça de Valença

"... A capitulação da Praça de Valença perante o Exército Francês é da maior gravidade do ponto de vista dos deveres militares, tendo-a assumido por inteiro e por ela respondeu em Conselho de Guerra, sendo absolvido. Foi uma decisão controversa, como continua a ser passados todos estes anos..."*

• O perfil do herói

Importa identificar um esposendense, que na vida de Homem e de Militar, passou por imensas dificuldades, fruto de época tumultuosa, com Portugal a ser influenciado e submetido a pressões internacionais, sobretudo, pela tentativa da expansão territorial de Napoleão Bonaparte, o pretenso senhor do Mundo, também, por desobediência ao ultimato de encerramento dos nossos portos aos ingleses.

Custódio Cézar de Faria Freire de Andrade nasceu em Esposende, Casa do Bêco Doce, aos 6 de Agosto de 1744, solteiro, de carreira militar até aos 67 anos.

Era filho de António Ferreira de Faria, que a si próprio se intitulava capitão de mar e guerra, porque era comandante dos seus navios e comerciante nas rotas das Américas e da Índia.

A Revolta da Patuleia, em resultado das invasões napoleónicas no século XIX do estado dramático, com as infra-estruturas nacionais destruídas; a situação na política, na sociedade, na economia, atirou Portugal para



Vigia do Forte de Valença (séc. XIX) e muralha

os braços das chefias das forças militares e políticas do seu grande aliado, a Inglaterra. A fuga de políticos e da família real deixou Portugal em desgoverno. Sobressai, todavia, o acto heróico de um esposendense, o Brigadeiro Custódio Cézar de Faria Freire de Andrade, enquanto Governador Interino da Praça Forte de Valença.

A decisão assumida pelo nosso conterrâneo na qualidade de comandante da Praça teve como propósito a defesa da população e dos seus bens, de doentes e incapacitados internados no Hospital Militar de Arão (Valença). Evitou, por isso, mais um massacre à francesa, idêntico aos ocorridos no Porto, com a Ponte das Barcas; em Braga, Alcos de Valdevez e Ponte de Lima; na passagem por Esposende as tropas invasoras, comandadas pelo Marechal Soult, deixaram bem vincadas as marcas entre as quais os assaltos às igrejas e residências, entre a destruição do muito que havia de património cultural. O acto assumido pelo veterano cabo de guerra esposendense veio a ser compreendido e recebeu, na época, os louvores e os elogios das populações e de entidades locais de Valença e terras circundantes.

(Continua na pág. 3)

**Caro assinante:
Tenha medo do Inferno: pague a
assinatura do jornal**

O Novo Fanguero vende-se na Didáctica Papelaria

Rua dos Bombeiros Voluntários, 16 - FÃO - Telef. 253 983514

NOTÍCIAS DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Eleições intercalares em Apúlia

PPD/PSD confirma liderança na Junta

A "bomba que atirou pelos ares" a Junta de Freguesia presidida por Otilio Hipólito foi o rastilho para se zangarem a sério e provocar estas eleições intercalares. No entanto, segundo apurámos no decorrer da campanha eleitoral, outros problemas aqueceram os ânimos e as hostes partidárias.

Efectuadas as eleições no domingo 22 de Dezembro findo, os resultados não trouxeram grandes surpresas pois, conforme se esperava, o PPD/PSD voltou a ser o mais votado na freguesia, desta vez, com maioria, saindo vencedora a lista proposta pelo PPD/PSD liderada por Emílio Moreira dos Santos Dias, anterior Secretário, obtendo, segundo os resultados provisórios, cinco mandatos, enquanto a lista Independente ficou-se pelos quatro mandatos. O Partido Socialista perdeu mais de 100 votos sem direito a qualquer mandato.

As abstenções atingiram os 30% e uma votante foi dada como já falecida e não votou, contra gosto e protestos dos familiares, porque está viva e bem viva.

Da lista vencedora fazem parte, além do presidente Emílio Moreira dos Santos Dias: Manuel Barros Lopes, João Cândido do Padre Pereira, Miguel de Almeida Moreira e António Casado Neiva. Da lista independente, fazem parte: Paulo Alexandre Lopes Oliveira, Amarelido Filipe Almeida Dias do Norte, Jorge David Lamotte Azevedo e Luís Manuel Malgueiro Faria. A lista do Partido Socialista era encabeçada por Maria Aurora Hipólito da Silva.

Concurso "ECOTURISMO" premiou a EPE

Nas instalações do Museu da Imprensa, instalado no Porto, procedeu-se à entrega dos prémios do concurso "Ecoturismo", o V Concurso Escolar organizado a nível nacional para as Escolas.

Apreciados os trabalhos concorrentes, o júri deliberou atribuir o primeiro lugar ao trabalho desenvolvido pela Escola Profissional de Esposende. O trabalho, resultado do estudo dos alunos do curso Técnico de Turismo ambiental e Rural, teve o apoio da Câmara Municipal de Esposende e da Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende que se publicou e divulgou na oportunidade, em edição de "O Novo Fangueiro".

Segundo as informações recolhidas, o trabalho baseou-se na elaboração do guia de quatro percursos naturais ao longo do património do Concelho a saber: Entre o Neiva e o Atlântico; Entre Cávado e o Atlântico, De Apúlia a Ofir, e Pela Arriba Fóssil: da Sr.ª da Guia ao Monte do Faro. Em resultado deste prémio, vai seguir a segunda parte do projecto: o levantamento de novos percursos e a respectiva sinalização, já em Plano Municipal e dotado, para este efeito.

Outras notícias:

— Crianças preenchem fêria de Natal com "Desporto e Ambiente de Mãos dadas", abrangendo várias modalidades desportivas, para os alunos das Escolas do concelho. O projecto ocupou algumas centenas de alunos, entre 19 e 20 de Dezembro findo.

— Árvores de natal originais nasceram nas Escolas de Esposende, foi o concurso aberto para despertar os alunos para o meio ambiente e a sua defesa. As árvores ecológicas visam o aproveitamento de materiais a reciclar, encontrando-se expostas até ao dia 21 de Janeiro, nas Piscinas Municipais.

— A cerâmica e a imagem das palavras no Museu Municipal de Esposende, trabalhos expostos no 1.º andar, pode ser visitada até ao dia 31 de Janeiro corrente. A fim de ser entendida esta exposição, é indispensável a visita demorada e reflectida, por envolver autores portugueses consagrados.

FALECIMENTOS

António José da Costa Leme

No dia 5 de Dezembro findo faleceu António José da Costa Leme, viúvo da professora Maria do Carmo Azevedo Lima, 79 anos de idade, reformado, natural de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa e radicado em Esposende, com residência em Curvos, deste Concelho.

António da Costa Leme era familiar do barão de Esposende e recebeu a Medalha de Honra do Município em 19 de Agosto de 2002, porque no desempenho das funções de presidente da Câmara Municipal de Esposende, desde 1955 até 1967, "procurou com a sua governação geral formas de desenvolvimento e dinamização de potencialidades... através de uma vasta obra..."

Por isso, conseguiu o alargamento e rectificação da Avenida Marginal que deu fecho desta importante artéria com interesse no desenvolvimento do Turismo. Aliás, "procurou melhorar a oferta neste sector vital, na época, com o apoio da reabertura do Hotel Suave Mar, além do transporte entre o centro da cidade e a praia.

Melhorou o Largo Rodrigues Sampaio e, na área da educação providenciou a construção das Escolas de Vila Chã, Rio Tinto, Belinho e Gemeses, além da reparação de outros edifícios; completou a electrificação do concelho de Esposende, tendo iniciado o abastecimento de água, também ao concelho de Esposende.

Foi sócio fundador da Cooperativa Agrícola, tendo dirigido o extinto Grémio da Lavoura, cuja acção contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e actividades afins, neste concelho.

Foi, ainda, presidente da Comissão de Viticultura da região dos Vinhos Verdes, função que perdeu com o 25 de Abril de 1974, Dedicou-se à qualificação dos vinhos do interior do concelho, que alcançaram fama, sobretudo, a sul e a nível internacional, servindo de ensaios, a Quinta de S. Cláudio, em Curvos.

O seu funeral, que se realizou para o cemitério paroquial, em curvos, teve bastante acompanhamento. Aos seus filhos, em especial, os sentimentos de profundo pesar de "O Novo Fangueiro".

Augusto Bogo

Vítima de acidente de viação, faleceu em 5 de Dezembro passado, Augusto Bogo, casado, 84 anos, aposentado da Guarda Fiscal, natural de Satão e radicado em Fão, depois Apúlia (Esposende).

O saudoso extinto deixa viúva D. Emília de Jesus Pendilhe, era pai de Carlos Augusto e de D. Maria Gabriela.

Além de comandante do Posto da Guarda Fiscal de Fão, onde viveu largos anos, exerceu muitas funções nas instituições locais, com esmerada dedicação, nomeadamente: Bombeiros Voluntários de Fão, Futebol de Fão, Clube Fãozense e membro da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia.

O seu funeral, com bastante acompanhamento realizou-se para o cemitério Paroquial de Apúlia.

Aos familiares, vão os sentimentos de muito pesar de "O Novo Fangueiro".

Orquestra do Norte: mais um êxito cultural

No dia 15 de Dezembro passado, no Auditório Municipal, a Orquestra do Norte veio a Esposende para um concerto cujo êxito já se previa, com bastante público (o que é raro acontecer) deixando-nos boa impressão.

Assim, integrado nos dez anos de fundação e actividade, a Orquestra executou a 5.ª Sinfonia de Beethoven, nos seus quatro andamentos e o concerto para trompete e orquestra, de Arjuntian, sendo solista, Mário Costa. A orquestra foi dirigida pelo maestro José Ferreira Lobo.

Recital de Violino

Nuno Miguel Areia Soares, iniciou a sua actividade musical na Escola de Música de Esposende,

aluno do professor Macau Filipe, na disciplina de violino. O seu currículo é invejável, pois graduou-se no Royal College of Music em Londres e frequentou o primeiro ano do programa Master of Music in Performance do Cleveland Institut of Music, com o professor Stephen Rose, USA.

No passado dia 20 de Dezembro, no auditório do Museu Municipal, no recital de violino, executou peças de J. S. Bach, Patia II em ré menor; de S. Prokofiev, executou a sonata em Ré Maior op. 115 e de E. Ysaye, a terminar o recital, executou a sonata op. 27, n.º 3.

Assistiram ao recital 116 pessoas que no final aplaudiram Nuno Miguel com entusiasmo pela desenvoltura e mestria como executou as obras destes clássicos.

Boletim Cultural completou 20 anos

A publicação número 22 do Boletim Cultural de Esposende assinala os 20 anos de existência.

O Boletim ora publicado, é o estudo e arranjo de Rui Cavalheiro, de colaboração com o Professor Carlos Brochado de Almeida, Maria Luísa Leite Silva e de Ivone Baptista Magalhães.

Bispo Auxiliar reabre Matriz ao culto

Em cerimónia presidida por D. António Dias, Bispo Auxiliar de Braga, em 7 de Dezembro último, em vésperas da Imaculada Conceição, reabriu ao culto, a igreja matriz de Esposende, depois de passar por obras de recuperação e de alindamento.

Assim, em comemoração deste acto, foi concelebrada Eucaristia presidida por D. Antonino. Na homilia elogiou as iniciativas quer para as obras, quer para se conseguir a verba para o efeito, prometendo voltar no Domingo de Ramos, a fim de proceder à bênção e à inauguração do total restauro da Igreja, monumento que data do século XVI, sob invocação de N. Sr.ª da Graça. Parabéns ao Reitor, Padre Delfim Fernandes, pelo esforço e pela dinâmica em prol deste melhoramento.

Centro de recuperação de aves

Devido às marés negras que tem assolado a costa galega, em consequência do naufrágio do petroleiro "Prestige, nas instalações da Lota de Esposende, encontra-se a funcionar um Centro de Recuperação de Aves Marinhas que venham a ser afectadas ou encontradas em risco.

Cerca de 30 pessoas, entre médicos veterinários, funcionários do Instituto de Conservação da Natureza e de activistas de organizações não governamentais, estão a cuidar e a recuperar muitas das aves marinhas que vivem no estuário do Cávado, em condições críticas.

Segundo informações colhidas, os trabalhos já efectuados têm dado bons resultados às cerca de 170 espécies que vivem no estuário do Cávado.

Assembleia Municipal aprovou Plano e Orçamento

São 21,4 milhões de euros nototal. No próximo número daremos mais pormenores.

Prémio de Língua Portuguesa

Escola Santa Bárbara

Carolina Morais do Vale Reis Campos

Escola das Pedreiras

Telma Patrícia Gaiém Faria



Clínica Médico-Cirúrgica

Hercília & Jorge Areias

Prof.ª Doutora Hercília Guimarães

Pediatra - Neonatologista

Prof. Doutor Jorge Areias

Gastroenterologista - Hepatologista

Dr.ª Cristina Areias

Médica Dentista

Horário de funcionamento:

2.ª a 6.ª-feira das 14.00 às 20.30 horas

Bom Sucesso Trade Center • Praça do Bom Sucesso, n.º 61, sala 904 • 4150-146 Porto • Telef. 226 053 625

VULTOS DE ESPOSENDE - 11

(Continuado da pág. 1)

Reformado no posto de Brigadeiro, Custódio César foi julgado em Conselho de Guerra por duas vezes, sendo absolvido contra a vontade do marechal Beresford, o Comandante-Chefe dos Exércitos de Portugal e o mais influente no Conselho de Regência do Reino.(**)

• As origens de militar

O Brigadeiro Custódio César de Faria Freire de Andrade não receava a aventura. Por isso, na sua condição de militar, percorreu os mais afastados locais e áreas onde Portugal se implantara, sobretudo, na Índia, onde subiu rapidamente na escala hierárquica militar.

Assentou praça no Regimento de Artilharia 4, do Porto. Foi Cabo a 1 de Janeiro de 1766 e Sargento a 15 de Junho; partiu para a Índia no posto de 1.º Tenente de artífices, por carta de 31 de Dezembro de 1773, carta patente do Rei D. José; nas Índias andou mais de nove anos e teve um embarque de guarda de costa durante um ano e passou por um naufrágio do qual escapou; foi comandante de Artilharia numa expedição à Baía de Lourenço Marques e foi a Anacor, na Península do Indostão. Porém, em 21 de Abril de 1779, na Índia, é promovido a Capitão da 5.ª Companhia do Regimento de Goa e, em 24 de Julho de 1783 regressa ao Porto, Regimento de Artilharia 4 e, a 10 de Novembro de 1784, era Capitão da 5.ª Companhia do Regimento de Valença do Minho. Custódio César é promovido a Sargento-Mor deste Regimento, aos 12 de Dezembro de 1791 e a 4 de Maio de 1800 foi promovido a Tenente-Coronel.

• As invasões francesas

Devido ao ultimato de França e de Espanha, para que Portugal abandonasse a aliança com a Inglaterra e se fechasse os portos aos seus navios, a que Portugal não obedeceu, vem a primeira invasão de tropas espanholas, com entrada por Badajoz, a 5 de Março de 1801. Porém, o desaire desta incursão não resultou.

Passados alguns anos, a 26 de Abril de 1807, então Tenente-Coronel Custódio César *“suplicou ao Príncipe Regente a concessão de três meses de licença com vencimento de soldo, para tratar de assuntos particulares em Esposende. A informação ao seu requerimento resulta em referências elogiosas pois, empregando-se efectivamente no Real Serviço há quase 43 anos, não constando que este longo espaço tenha sido interrompido.”*

Um ano depois, em Agosto de 1808, pela sua muita idade, na impossibilidade de se manter ao serviço, *“Requer a passagem à reforma que lhe foi concedida, no posto de coronel, por decreto da Junta Provisional do Governo Supremo da Cidade do Porto, de 17 de Setembro de 1808”.*

A situação em Portugal agravou-se. Esperava-se a segunda das invasões francesas e o Exército sentia falta de oficiais, entre outras dificuldades. É nesta emergência que o veterano militar se entrega, de novo, ao serviço de Portugal, *“disponibilizando-se para qualquer missão que o Exército Português lhe quisesse atribuir.”* É por Decreto de 23 de Novembro de 1808 colocado interino como Governadora Praça de Valença. Contudo, a sua idade avançada (65 anos) e de lutas travadas bem longe da terra natal, demonstrou o seu espírito aventureiro e apresentou-se ao serviço da Pátria, quando era iminente outra e nova invasão de franceses, a 2.ª e desta vez com novos contornos. Entretanto, como já referimos, a vaga de saída de oficiais dificulta a organização da defesa do solo pátrio.

A partir de Valença, onde a praça forte era o bastião às tropas invasoras que tentaram, mais que uma vez, a travessia pelo rio Minho e sem êxito, razão pela qual as informações dos movimentos de tropas eram indispensáveis à organização e defesa das terras e das populações ao redor da praça forte. O Governador, Coronel Custódio César sentia, pelos seus relatos que poderiam aparecer, de um dia para o outro. A devastação, as pilhagens, os assassínios de populações indefesas, eram autênticos massacres.

Seria fastidioso referir os pormenores destas

movimentações bélicas e, também, porque a acção do militar esposense estaria para breve e da qual sairia o seu gesto de herói. Todavia, a resistência ao invasor, a partir da praça forte de Valença estava a dar os seus efeitos até que, sabendo-se da *“tomada de Braga, Porto, Barcelos, Guimarães, os franceses entraram em Vila do Conde, reuniram duas colunas na Barca do Lago (Esposende), atacaram Ponte de Lima, que tomaram a 8 de Abril de 1809, ... “partiram para Valença, às portas da qual estavam em 9 de Abril” seguinte.*

Cercado pelo inimigo por todos os lados, sabendo o Coronel Custódio César *“que não era possível reverter a situação militar...”* a favor dos portugueses, esgotados os meios de defesa, contando com inúmeras deserções das suas fileiras, tomou a decisão de reunir, de imediato: a Câmara Municipal de Valença, o Clero, a Nobreza e o povo da Vila, expondo-lhes a situação militar que enfrentava e sustentando que, a única saída, era propor a capitulação da Praça...” nas melhores condições possíveis, mas de forma a evitar os massacres quando fossem de passagem dos franceses pelo Alto Minho e o Porto.

• Capitulação para salvar o povo

De imediato, o Governador da Praça de Valença, o Coronel Custódio César de Faria Freire de Andrade redigiu os termos da capitulação, antecedendo a tomada pela força, a tempo de evitar a ecatombe.

De facto, segundo o relato da época, as entidades e o povo deixaram actuar o distinto oficial. Por isso, o então Coronel Custódio César redigiu a proposta de capitulação nos termos propostos às entidades locais e ao povo. Um dos oficiais disponíveis, na mesma noite, foi ao encontro dos Comandantes das tropas francesas com a proposta de capitulação, e que foi logo aceite, contendo seis pontos base, de que se destaca: *“que a religião católica romana e os templos sejam respeitados; entrega da praça com toda a sua artilharia e as munições; comandante, oficiais e demais praças da guarnição “se entregariam prisioneiros de guerra”; que aos cidadãos e povos da praça e seu termo se conservem todos os bens e móveis, sem que lhes causem dano algum; que os doentes do hospital sejam tratados e curados com caridade; que os militares e habitantes não sejam castigados.* Assinados: Coronel Custódio César de Faria, Governador Interino da Praça de Valença; Sebastião da Costa Souto Maior, Tenente e Manuel Pedro Soares, Alferes.

• O herói de Valença

Os franceses entraram na praça forte de Valença a 10 de Abril de 1809 e, na essencial, respeitaram os termos da capitulação negociada.

Entretanto, com o reforço das tropas anglo-lusas, mais a guerrilha organizada, obrigaram à debandada dos franceses, em tais circunstâncias e atropelo, que deixaram um rasto do desaire sofrido na missão determinada por Napoleão.

A população de Valença e os povos das redondezas foram poupados e a vida retomou a sua normal actividade.

O Coronel Custódio César de Faria de Andrade veio a ser reformado no posto de Brigadeiro por decreto de 29 de Outubro de 1811. Nem por isso deixou de assumir a responsabilidade do acto cometido, baseado na defesa das populações, dos bens e da integridade física, salvou a praça forte e os seus habitantes do massacre francês. Contudo, é preso em Esposende a 6 de Julho de 1809 e conduzido a Viana do Castelo sob a acusação de *“Ter entregue a Praça que comandava ao inimigo, sem que este o obrigasse a tal”*, consta nos autos do Conselho de Guerra que o julgou.

Absolvido por voto de unanimidade dos Juizes, porque se provou que o acto foi cometido em defesa das populações e sem ter de recorrer à rendição, é preso pela segunda vez e julgado sob as condições impostas pelo Marechal Beresford. De novo absolvido, o austero Marechal foi obrigado a aceitar o veredicto do Tribunal Militar e a decretar a reforma de Custódio César de Faria Freire de Andrade, no posto de Brigadeiro.

* “Os franceses, a população de Valença e o Brig. Custódio César”, do Eng.º Oliveira Martins.

** Ver “O Novo Fangueiro” de Julho/97.

À DERIVA

Tempo de balanços, também, os fãozenses devem ter em conta o que foi 2002 em matéria autárquica. As promessas feitas e não cumpridas, em síntese o desenvolvimento da nossa vila. Gostava que todos os fãozenses, desprendidos das amarras patronais, ideologias partidárias, verificassem o que se fez em Fão durante 2002 (na minha opinião foi um ano perdido).

Continuamos à espera de uma carrinha de 19 lugares, que começou por ser de 28 lugares – sempre nos planos de actividade, mas sem dotação orçamental, pelo que nunca foi adquirida. A solução da ponte confusa, dispersa, oficialmente nada se sabe. Complexo desportivo continua uma vergonha; – parques infantis abandonados; – sinalização de trânsito – confusa, em pontos importantes não existe; – iluminação pública está preta (então a da quadra de Natal e passagem do ano não existiu). Mas lembram-se os fãozenses de há um ano atrás (época de eleições) conjuntos e todo o tipo de divertimento não faltavam, nem as verbas eram escassas; – Avenida Marginal fala-se na segunda fase, a primeira já está acabada!!! – saneamento da Rua Serpa Pinto??? (uma das ruas de Fão com mais habitações).

Para agravar tudo isto, temos as assembleias de freguesia feridas de legalidade; nomeadamente em afirmações que depois não constam nas actas!!! – Não sendo contestadas, porque os membros da assembleia que o poderiam fazer – já não são convocados para a assembleia em que a acta é lida. E naturalmente os membros presentes da LAF abstêm-se, porque não estiveram na assembleia que deu origem à acta (esta situação só se verifica porque não é cumprido o regimento nem a lei).

Por tudo isto, e porque os fãozenses assim o decidiram em Dezembro de 2001, as assembleias mais parecem de um órgão colegial, em que quem dita as regras (não as que a lei lhe confere) é o presidente da Assembleia de Freguesia; indo ao ponto de dizer, (a uma questão do membro da LAF, dirigida ao presidente da Junta que não permitia – que o presidente da Junta respondesse, ele mesmo o faria.

Esta, é a situação gravosa e triste a que chegaram os órgãos: executivo e deliberativo da freguesia de Fão. Na apresentação do livro “Derivações” recentemente em Fão, o senhor presidente da Assembleia de Freguesia de Fão, escolheu para ler um poema desse livro com o título “Deriva”, ele lá saberá porquê. Também acho que Fão está à deriva, mas esta situação vai servindo interesses obscuros e de particulares, em detrimento do verdadeiro interesse, que é o desenvolvimento sustentado da nossa vila.

Faço votos para que 2003 coloque Fão na rota do progresso e da legalidade das decisões dos órgãos autárquicos.

E-MAIL: tito@net.pt TITO GAIFÉM

Vi meus sonhos à deriva

*Fão – terra de encanto e beleza,
Que tanto me fez sonhar...
Esculpida pela mãe-Natureza
Em noites calmas de luar...*

*Em tuas areias deixei
Meu castelo de ilusões...
Cativa p'ra sempre fiquei
De meus sonhos e paixões...*

*Lancei meus olhos sobre o mar:
Vi meus sonhos à deriva,
Um a um a naufragar
Dentro de mim – maré viva...*

*.....
Meu pensamento no mar entrou,
Em busca dos meus sonhos de criança:
Aqueles que a vida me negou
E em meu castelo floresciam de esperança...*

Maria Henrique Duval

HISTÓRIA DOS CORREIOS NO CONCELHO DE ESPOSENDE

RESENHA HISTÓRICA

Secção - 4

Em 23-1-1923, foi nomeado Encarregado Manuel Fernandes Eiras, quando classificado de 1.ª classe; depois foi nomeado o 2.º Encarregado, em 30-9-1946; Inácio Agra Fernandes Eiras.

POSTO DE CORREIO DE CRIAZ _ Começou por Caixa Postal, criada em 12-2-1910; passou a Posto de Correio de 2.ª classe, em 10-4-1940. Baixou, em 26-12-1952, a Posto de Correio de 3.ª classe, por se ter iniciado a distribuição domiciliária de correspondências.

Em 1940 era encarregado Manuel Gonçalves M. Cristelo, mas abandonou o posto, em 4-9-1948. Foi substituído por Manuel Lopes Veloso. Também este é exonerado a seu pedido, em 25-4-1952. Ocupou a mesma função José Gomes da Silva.

OS CORREIOS EM APÚLIA

No Lugar de Criaz existe um posto público de telefone (PF 981811) a cargo do Encarregado do posto.

CAIXA POSTAL DE PAREDES (Esposende) – Criada por despacho de 26-4-1910, foi suprimida em 9-6-1911. Em 27-2-1953 foi criado o Posto de Correio de 3.ª classe de Paredes (Apúlia), sendo nomeado Encarregado António Gomes Ribeiro. Veio a ser substituído, em 28-2-1969, por Franklin Barros Ribeiro Gomes. Neste lugar existe o postotelefonico público 982022 (PF), a cargo de Maria F. Farinhas Soares.

ESTAÇÃO POSTAL DE APÚLIA - PRAIA -

Foi criada por Portaria de 20-4-1922, sendo seu primeiro encarregado Manuel Gomes Torres de que veio a ser exonerado, a seu pedido, em 7-4-1933. Foi substituído por Adelino Gomes Torres, sem retribuição. Em Janeiro de 1935 é-lhe atribuída a remuneração mensal de 8\$00. Foi, também, exonerada a seu pedido, por Alvará de 9-2-1940, data em que passou a posto de correio de 1.ª classe, tendo como encarregado, António Fernandes Torres. A partir de 14-1-1941 passou a executar o serviço de valores declarados. Este veio a ser designado Posto de Correio de 1.ª classe de Apúlia e nele veio a ser instalado o primeiro posto telefónico público de Apúlia, com abertura à exploração, em 24-6-1939, com horário completo, nos

(Continua)



NOTÍCIAS

O nosso conterrâneo M M M - Ascânio Monteiro participa no próximo mês de Fevereiro numa mega exposição em Madrid que engloba todas as galerias do mundo. É a galeria do ARCO.

Um orgulho também para Fão.

O dr. Brochado proferiu na Cooperativa Cultural de Fão uma palestra sobre as origens de Fão.

No próximo número publicaremos um resumo sobre o tema apresentado.

PELO HOSPITAL

Por deliberação tomada no domingo, 30 de Novembro em Assembleia Geral, foi aprovado o aumento de quota cujo valor será de um Euro por mês a partir de 31 de Dezembro.

TEMOS MAIS UM DOUTOR

Marco Paulo Silva Martins, filho de Noémia Machado e de Horácio Martins de Matos licenciou-se em advocacia na Universidade da Figueira da Foz.

Ao Marco e a seus pais os nossos parabéns e muito sucesso.

A.V.

FUTSAL FEMININO

Taça A. F. de Braga (1.ª eliminatória - 1.ª mão)

Nogueiró, 1 - Águias Serpa Pinto, 2

Campeonato Distrital

(1.ª jornada) Águias Serpa Pinto, 2 - Ronfe, 5;
(2.ª jornada) Mogege, 7 - Águias Serpa Pinto, 0; (3.ª jornada) Águias Serpa Pinto, 5 - G. R. Azdreu, 2.

Órgãos Sociais do Águias Serpa Pinto (2002-2003)

Assembleia Geral - Presidente - Manuel Francisco Gaifém; Vice-Presidente - Paulo Jorge Lima Alves; Secretário - José Bernardino Gomes do Vale.

Conselho Fiscal - Presidente - Rui Fernando da Silva Oliveira; Vice-Presidente - José da Silva F. Pereira; Sec. Relator - Sérgio Lima de Sá.

Direcção - Presidente - José Lavandeira do Monte; Vice-Presidente - Marco Aurélio da Silva Fonseca; 1.º Secretário - Vítor Hugo Lima Alves; 2.º Secretário - Belmiro Jesus da Silva Viana; Tesoureiro - Ana Maria Gaifém Sá da Cruz; Vogais - Gaspar Gaifém Herdeiro, Carlos Miguel Araújo Lima Alves, Manuel Ferreira Ribeiro da Costa, José Cândido Ferreira da Costa; Xavier Ferreira Ribeiro da Costa; Rui Pedro Gaifém Carreira.



João M. Reis

CRÉDITOS HABITAÇÃO E AUTOMÓVEL
SEGUROS
ADMINISTRAÇÃO CONDOMÍNIOS

Telef./Fax: 252 688 796
Resid.: 253 983 585
Telem.: 937 226 945
FÃO - ESPOSENDE

Filial:
Telef. 252 613 893
Rua 5 de Outubro, 2419
4480 VILA DO CONDE

HORIZONTE AGÊNCIA
Telef/Fax: 252 683 290
Rua Ramalho Ortigão
4490 PÓVOA DE VARZIM

MAGDA REIS

SOLICITADORA

Rua Pedra Alta, n.º 2 - 4740 FÃO
Av. Mousinho de Albuquerque, 119 - Sala A
4490-409 PÓVOA DE VARZIM
Telef./Fax 252 684 257

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Cá está o 2003! O pior é que veio a fazer "cara feia", com todo este mau tempo! Birrinha de menino pequeno! Esperemos que passe, e que volte o sol e o nosso lindo céu azul! Bom Ano Novo para todos!

**VIDA DE NUNO
ÁLVARES PEREIRA**

JAIME
CORTESÃO
(in
"Contos para Crianças")

(Continuação)

Ao mesmo tempo, algumas vilas e cidades tomavam partido pelo Mestre e uma província houve – o Alto Alentejo, em cujas cidades e vilas principais o povo se amotinou, tomando os castelos aos alcaides que os tinham por Castela, de tal sorte que todas ou quase todas estavam pelo Mestre.

Mas, ao passo que D. João I de Castela vinha sobre Lisboa para lhe pôr cerco e a render pela fome, um outro exército castelhano entrava pelo Sul para castigar e tomar outras cidades e vilas do Alentejo, que não queriam senhorio estranho e juntar-se de seguida ao exército do rei que cercava a capital.

Assim o Mestre teve que dividir também a sua pouca gente, guardando consigo na cidade a maior parte e enviando em auxílio das terras do Alentejo e para combater os Castelhanos outra pequena parte dos seus homens. E a Nuno Álvares deu o Mestre, com o comando de duzentas lanças, o cargo de fronteiro de toda a terra de entre Tejo e Guadiana.

(Continua)

Recebemos da menina Ana Sofia Cunha Mariz, neta extremosa do nosso prezado colaborador Carlos Mariz uma linda paisagem marítima que publicaremos no próximo número.

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

**Pausa para
sorrir**



Numa pequena localidade, andava um operário, com uma sachola a abrir covas nos lados da rua principal, que era de terra batida.

Outro operário, mais atrás, olhava o trabalho do colega e, de cada vez que ele acabava de abrir uma cova e ia abrir outra mais à frente, o segundo operário pegava numa pá e tapava a cova que o colega tinha aberto. Este, que não olhava para trás, não se apercebia de nada.

A certa altura, um indivíduo que passava parou a ver, muito espantado aquela situação: um operário a abrir covas e o outro a tapá-las de seguida, inutilizando o trabalho do colega.

E resolveu perguntar:

– "Olá, senhor, porque é que está a tapar os buracos que o seu colega está a abrir na beira da rua?"

– "Ora essa!" respondeu o homem. "Você não percebe nada! É que o homem que vinha colocar os postes da luz eléctrica faltou ao trabalho... e não veio!"

Dois amigos conversam sobre animais que viram nas suas viagens pelo mundo.

Um deles, a certa altura, diz:

– "Sabes que há uma coisa que não percebo nas hienas: aquele aspecto de estarem sempre a rir".

– "Que é que isso tem?" – diz o outro.

– "É que as hienas só acasalam uma vez por ano e só comem restos putrefactos, péssima comida. Sendo assim, que motivos têm elas para se rirem?..."

Poema sem título

Não quero ser quem sou,
já decidi:
Outra serei, sem Tempo
e sem Passado.
Então vou poder
cantar e rir,
esquecer que não estás
mais a meu lado.

ANA FILIPA

ANO NOVO

*Começou há muito tempo
Milhões de anos atrás
Um universo de astros,
Mundos de vida fugaz.*

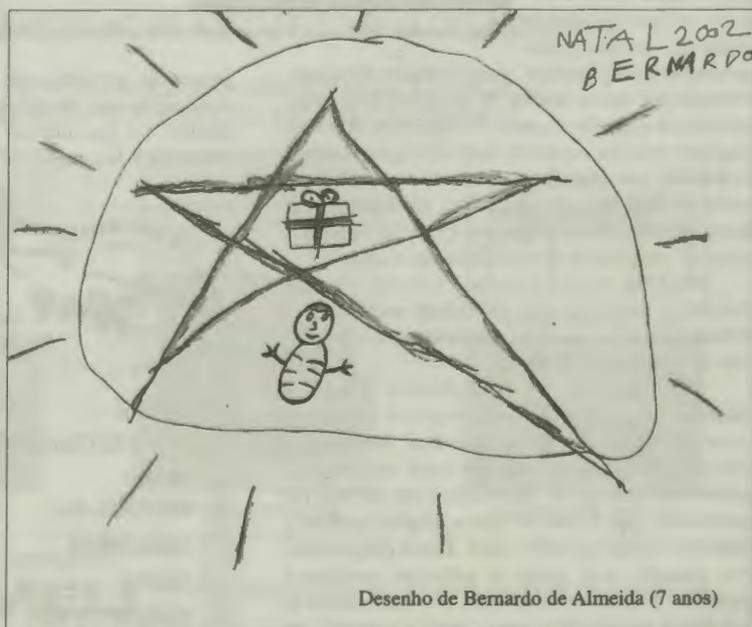
*Aparecem os elementos
E nascem os animais
A vida humana é presença
E um progresso e coisas mais.*

*Chegamos aos nossos dias
Em que existem coisas tais
Coisas que não sonharia
Nos piores sonhos, jamais!*

*Caem do céu, como raios
As tempestades e a morte.
Fazem-me pena os catraios
Que nascem para tal sorte.*

*Eu quisera isto acabar
Mas não está na minha mão!
Só tenho que desejar
Que o Universo volte a respirar
E a Vida volte a todo o coração!*

JOANA CÔRTE-REAL



Desenho de Bernardo de Almeida (7 anos)

No lançamento do livro *Derivações* de M.M.M.M.

A.S.

Surpreendeu pela positiva a apresentação do livro de poemas *Derivações* do nosso conterrâneo M M M M - Manuel Maria Martins Monteiro, chegado a Fão, recentemente, vindo do Brasil.

O Centro Cultural, devidamente engalanado, encheu-se de fangueiros que acorreram em massa para



Manuel Maria agradecendo

saudar e homenagear o poeta lírico que em estrofes muito sentidas cantava as belezas da terra e as perpetuara em livro que de ora em diante será o *vademecum* dos cantares de Fão.

Esse conluio com as encantatórias loas, vibrantes de emoção e de saudade, ficou bem patente na quantidade excessiva de pessoas que formavam bicha para adquirirem a obra em estreia, assinada pelo autor. Mas a surpresa não se findou por aí. Causou admiração igualmente o número de voluntários que se dispuseram a declamar excertos contidos em *Derivações*. As palmas, os sorrisos, as palavras de louvor, os abraços expendidos deram convencimento ao laureado poeta que o seu livro era uma expressão de amor à terra de todos nós. Ali, àquela hora, despontava uma nova estesia emoldurada numa ampla comunhão de afectos. O sorriso que bordava espontâneo o rosto dos presentes, o ar de felicidade que os semblantes traduziam, até o requinte da oferta de uns docinhos com que a Junta agradecia a presença de tantas pessoas, emprestavam um ar de festa, mas festa vibrante e vibrátil, numa palavra, uma festa com F grande.

Percorrer os caminhos da infância

Por FRANCISCO FARIA DE MORAIS

Reavivar para rever os caminhos da infância é um exercício geralmente repassado pela nostalgia. Nos anos da inocência, as pedras nunca deixarão de ser testemunhos vivos, perenes, os cheiros de resina na Bonança inebriam pela vida fora, os mergulhos no Cais serão sempre em águas limpas e refrescantes, a poluição não existe, por mais coloridas que se apresentem as águas.

Quem é arrancado das suas raízes aos 14 anos, numa terra onde nada ou muito pouco acontecia, levado pelas circunstâncias do "destino" para vivências diferentes, arrastado por tantos sonhos de gerações fangueiras, questionará o mundo e quem o (des)governa de forma singular e descomprometida. Sabe distinguir as coisas do barulho que elas fazem. Fixa-se nas carroças e tendas de ciganos e no ruído das camionetas, um mundo familiar em movimento. Onde há vozeria e "claxons" as pessoas gravam imagens e sons.

MMMM cultiva o mundo interior, rico de afecções e emoções, uma felicidade ancorada nas vivências de uma meninice onde muito pouco bastava para se não desejar mais.

Sem obsessão de formalismos e outros academismos, o "Derivações" é uma arca debruada a pioneses amarelos onde se guardam afectos que nenhuma economia global, por mais ameaçadora, poderá desvalorizar. O "derivações" não se fica pelo saudosismo, que é mais do que a simples saudade a lamentar o tempo que não voltará. É uma peregrinação pelo passado, sem medo de enfrentar sombras e angústias. O passado longínquo, que quer agarrá-lo mas que se escapa como enguia reguila ao garafão no



O dr. Penteado Neiva lendo o que se pode chamar também um poema a publicar no próximo número

buraco do paredão, não é factor inibidor ou de constangimento. Só quem sente o valor das coisas simples e a paz interior que nisso está imanente, entenderá a linguagem da lua.

ESPOSENDE
PIZZERIA

Que Way
CASA HISTÓRICA DA CIDADE

TAKE AWAY
ENTREGA GRÁTIS AO DOMICÍLIO
aprox. 30 minutos

BUFFET DE SALADAS
MASSAS VARIADAS
LASAGNAS
DIÁRIAS DE 3.ª A 6.ª FEIRA

PIZZERIA
☎ 253 961 566

Empreendimento "Família Vinha"
sito no gaveto da Rua Narciso Ferreira, Senhora da Saúde e Barão de Esposende, loja 10 J

HORÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO:
3.ª A 6.ª FEIRA
12H às 15H / 19H às 22H
SÁBADO/DOMINGO:
12H às 22H

À Micas Apolinária

Como quando parti, ao chegar depois de muito sonhar, o sol brilhava em Fão.

É difícil explicar a benfazeja sensação que senti quando o ar e o cheiro da minha terra tomaram conta de mim.

Só quando o sino da igreja começou a bater as horas, naquelas badaladas velhas conhecidas e compassadas do meu coração, apercebi-me que era verdade. Estava em Fão.

Quem aqui vive não pode avaliar o que é chegar trazendo a terra dentro de si por anos a fio e começar a vê-la e a senti-la como se se visse a si mesmo, numa constatação real de perceber que Fão sou eu e eu sou Fão, como numa comunhão que não precisa de hóstia, mas de um pastel para sentir o gosto da chila.

Lancei "Derivações" no lugar que não escolhi. - eu não sou ninguém para escolher, deixo-me levar pelo Alto - que é o Centro Cultural de Fão. Gostei, porque fica nas Rodas, que tem um poço seco escondido do olhar, que ainda guarda os meus olhos lá em baixo com as pedras.

Nos dias que precederam o lançamento, choveu, ventou, fez frio e o Cávado quase transbordou - faltava um palmo para chegar ao Cais.

No dia 28 de Dezembro, não apareceram nem a chuva nem o vento... Alguém disse que foi coincidência, mas eu digo que não foi porque a vida ensinou-me que coincidências não existem, existem sonhos quase impossíveis que se materializam quando os perseguimos com fé, humildade e bom senso.

Vi-me naquele dia premiado com o carinho e com o amor de todos os presentes e até dos ausentes. Podia tornar-me banal e dizer que não merecia tal festa, entretanto vou ser fiel a mim e dizer que mereci, por uma razão simples - eu gosto da minha terra acima de tudo e lutei e rezei por aquele momento de congraçamento com ela.

Tenho motivos para ficar grato a muitas e queridas pessoas que contribuíram para o êxito, no entanto fixo-me na Micas Apolinária como representante de todos.

Estou na sua casa, onde nasci e sinto-a sempre a ajudar-me todas as horas, embora já não esteja.

A Micas não sabia ler, mas ensinou-me a ler; não sabia escrever, mas ensinou-me a escrever, usando uma metodologia que a maioria das pessoas de hoje faz pouco caso e que tem um nome ao mesmo tempo singelo e abrangente - amor!

O que deve ter-me ajudado também desde que aqui cheguei talvez tenha sido o gesto que cometi quando no dia 17 de Dezembro fui ao cemitério de Fão ficar solidário com ela pelos onze anos de sua partida para o ar onde se misturou às gaivotas.

Nesse dia chovia e ao olhar da janela desta casa percebi rosas molhadas e vivas a brotar no muro do quintal do Morais.

Colhi uma rosa na minha rua - em que lugar do mundo as rosas rosam na rua e brindam nosso olhar à janela? - que levei e deixei-a presa na porta do jazigo onde já não está, porque está aqui a ajudar-me nestas linhas, pois a Micas era uma mulher de linha, de ponto aberto.

Rezei com ela a pedir que me ajudasse a chegar ao meu amor sem causar dores a ninguém. Orei, ouvi-me, fiz o que meu coração queria que fizesse.

Com toda a certeza a Micas vai agir em silêncio com sua luz.

Perguntam-me até quando vou ficar e eu não sei responder. Estou entregue ao ar, às pedras, ao rio e ao meu amor Fão sem pressa de partir porque sinto-me bem comigo e com a terra onde nasci.

Como não sou só de mim, que Fão decida o que fazer comigo, pois já senti, por tudo o que está a acontecer dentro de mim, que se eu for, jamais serei eu plenamente. Se ficar, continuarei a ser verdadeiramente eu misturado à terra que me fez, do meu amor.

Manuel Maria Martins Monteiro

A ceia de Natal dos Rotários A.S.

Como vem sendo costume e como as demais pessoas fazem, também os rotários de Esposende tiveram a sua noite de Natal ou, como se diz, a sua ceia de Natal.

Trata-se, como manda o protocolo, de uma reunião festiva que tem de diferente dos outros jantares a inclusão na ementa do bacalhau com batatas complementadas ainda com sonhos, rabanadas, mais letria e mais outro qualquer doce e, em contra-ponto com toda esta guloseima, a fruta da época para impedir a subida da maré colestoriana que por estes dias costuma ultrapassar a chamada linha d'água.

É praxe, é dos costumes rotários chamar a estas reuniões com comeres reuniões festivas, que quer dizer alegres. E alegres porquê? Porque se come e comendo sempre há mais força e disponibilidade para falar, até para sorrir, para achar graça e ser engraçado.

Só que a reunião do dia 20 de Dezembro, a tal reunião que devia ser festiva como mandam os usos, a tradição e os costumes, não foi nada festiva: saiu parda, cinzenta, sem chama. E porquê as coisas correrem assim? São dias. Por um lado faltavam os animadores do costume: o dr. Juvenal, desde que subiu ao andaime dos 70, está a querer enobrecer-se com o talabar dos idosos, o dr. Zé Alberto, a circular na segunda Presidência, está minguante de ousadias, de àpartes felizes e ou chocarreiros de outrora. Conversa-se paulatinamente com o vizinho do lado, tudo muito estanque, tudo muito *soft*, mas muito pouco panglóssico. A ajudar à missa, temos um ambiente internacional turvo, preocupante, explosivo mesmo, de que pode resultar uma guerra de efeitos impensáveis, isto já para não falarmos da fome no mundo, do aquecimento terráqueo, do aumento dos habitantes, do efeito de estufa, do perigo da poluição, dos buracos de ozono, etc., etc., etc.

Será toda esta virtual panóplia de acontecimentos quem traz os rotários de Esposende preocupados a pontos de se ensombriarem as suas reuniões ditas festivas?

A D. Lourdes, esposa do rotário dr Horácio Lage, directora ou co-proprietária do Hotel Nélia, é que não foi de modas. Pegando no microfone, e com certeza autorizada pelo Presidente, foi determinada, determinante e concisa: este clube (rotário) está em crise: comparando com o que era há vinte anos, atrás, nota-se grande diferença. Dantes havia mais juventude, jovens, sobretudo filhos de rotários. Agora não se vê essa gente nova. E rematou: "notem o que lhes digo. Este clube tem poucos anos de vida". Disse.

Terá razão? Serão cumpridas as suas profissões? No próximo número tentaremos provas que não.

Boas Festas

Enviamos igualmente Boas-Festas às seguintes entidades:

Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Dr. João Cepa; Presidente da Assembleia Municipal de Esposende, Alberto Figueiredo; Maria Emília Miranda de Mariz Figueiredo, Vereadora da Câmara Municipal de Esposende; Porto Editora, Dr.ª Rosália Teixeira; Associação Humanitária dos dadores de Sangue de Esposende, Eng.º Adelino Marques; Direcção e Comando da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão; Clube Desportivo da Póvoa de Varzim; Casino da Póvoa de Varzim, Dr.ª M.ª João Tarré e M.ª A. Campos; Santa Casa da Misericórdia de Fão, Provedor Celestino Morais; Cooperativa Cultural de Fão; O Águias de Serpa Pinto; Eng.º José Gonçalo Areia, Administrador da Fundação Portuguesa das Comunicações; João Barros; Carlos Mariz; António Curado; Casal Lucila e Dias Costa; Casal Maria Soledade e Luís Matos Nunes; Casal Barros Lima; Hotel Sidnay; Estalagem Zende; Divani & Divani; Club Albufeira; Vicaima; L.A.T.; Farmácia Correia; Manuel G. Castro S.A.; Kalinka Modas; Unisefte; Rabel; Manuel Simões. Losa Capitão, Investimentos Imobiliários, Lda; Manuel de Sá; Interforma; L. C. Automóveis, BMW; Clube de Futebol de Fão; Casal Eduarda e António Viana; Casal Dr.ª Maria Adelaide de Almeida Ribeiro e Dr. José Pires Lopes de Azevedo, Eng.º Ramos Assunção.

Os nossos agradecimentos

O Novo Fangeiro

Pedras que falam

MARIA SALOMÉ

Não sei se vou fugir ao costumeiro título. Se fugir (fujo, pela certa) que me perdoem.

Era uma manhã de fim de Verão. Uma daquelas manhãs paradas, um pouco cinzentas, apáticas e aguardantes. Eu estava, como de costume, sentada no meu canto, lendo e beberricando a pequena chávena de "mais água que café". Sinal dos anos.

De vez em quando, espriava o olhar, sem ver, gesto que me é muito peculiar. Foi quando entraram aqueles turistas. Digo turistas porque os "habitués" conheço-os todos. Munido de máquinas começaram a filmar a paisagem: Houve qualquer coisa que me tirou daquele morno sem alma: "Leninha, faça favor, abra a porta da varanda que tem uma paisagem mais bela, mais abrangente"...

—É a dona?

— Não; sou cliente e amiga.

Ficaram encantados. Ao passar pela minha mesa pediram-me a direcção. Escrevi-a com gosto. Brasileiros gaúchos, uma simpática gente.

Para encurtar: escrevem-me, a cada passo, ora a senhora, ora um, ora outro. Não faço ideia do parentesco que une os três mas gosto de sentir que lá longe arranji aquela amizade salgada e morena, doce e profunda.

Esquecia-me de dizer que a senhora é pintora. Deles nada sei a não ser a cultura, a frase certa, educada e terna.

Tenho uns amigos que não conheço. Mais: se os vir (milagre da distância) não os reconhecerei.

A história acaba aqui. Uma história (ou estória?) que é somente um fio (fio de Ariana?) que unirá, tenho a certeza duas nações irmãs.

Rouxinol A.S.

Recebemos no dia 20 de mês passado o jornal da Escola Básica 1 de Fão que tem por nome Rouxinol. Demos, num primeiro momento, uma vista de olhos, mas, mesmo olhando assim de rajada, ficámos com uma boa impressão do seu editorial e com o propósito de o ler mais atentamente em casa. Foi o que fizemos e a inicial impressão manteve-se. Boa caligrafia, aliás em todos os textos, com citações adequadas, com uma lógica de princípio, meio e fim, a denotar um conhecimento do que se passa no mundo e a começar e a acabar com os desejos de um Santo e Feliz Natal. Não tivemos dúvidas em classificá-lo como o melhor. "Que bem que escrevem aquelas crianças".

Fomos obrigado a admitir que estes pimpolhos de agora estão melhor do que no nosso tempo. Só depois, ao procurarmos identificar o seu autor, nos demos conta que a responsabilidade do mesmo pertencia ao Corpo Docente.

Sentimo-nos então mais aliviado e menos envergonhado... O texto rubricado por Rute Ramos (3.º ano) foi muito bem conseguido. Boa descrição, termina com um final consequente e adequado: "*SINTO-ME FELIZ!*"

Já que estamos com a mão na massa, queremos dizer à Ana Catarina Carvoeiro (4.º ano), autora do texto "Visita ao meio", muito bem elaborado, que o mosteiro do Bom Jesus não foi mandado construir por D. Luís. Aconselhamos a leitura de vários artigos do nosso colaborador sr. Carlos Mariz.

E — desculpa.nos, Ana Catarina, mas não deves dizer "Extensão de Saúde de Fão", mas sim, Extensão do Centro de Saúde de Fão.

Parabéns a todos os autores de o Rouxinol.

MIRADOURO DA ALMA

FLORINDA BOTELHO DE ALMEIDA

ANO NOVO NOVA ESPERANÇA

*Que seja este Ano Novo mensageiro
De uma Nova Esperança a construir:
O novo e lindo sonho pioneiro,
Depositário de um melhor Porvir.*

*Aos Amigos e seus Familiares,
A realização plena de bons sonhos
E que as aspirações dos seus olhares
Cheguem também aos ideais risonhos.*

*Cada vez mais se estreite o vosso laço
Familiar, na paz e na alegria;
Então, nesse recíproco abraço,
Fecunde o Amor na mais bela harmonia.*

*Seja dois mil e três o mensageiro
De muitas coisas boas, necessárias;
E que ele seja acolhedor braseiro,
A aquecer multidões tão solitárias!*



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 226 091 018 - 226 063 748 - FAX 226 673 85

POSSÍVEL EMIGRAÇÃO ENTRE FÃO E PÓVOA DE VARZIM NOS DOIS SENTIDOS

Da Póvoa para Fão: Bexiga - 1708 (na Póvoa) - XX (em Fão); Carvalho - 1670 (na Póvoa) - 1727 (em Fão); Chasco - 1817 (na Póvoa) - XX (em Fão); Cuão - 1873 (na Póvoa) - XX (em Fão); Estela - 1727 (na Póvoa) - 1758X (em Fão); Faneca - 1848 (na Póvoa) - XX (em Fão); Ferradeira - 1848 (na Póvoa) - XX (em Fão); Flores - 1673 (na Póvoa) - 1790 (em Fão); Leandro - 1753 (na Póvoa) - XX (em Fão); Lírrios - 1848 (na Póvoa) - XX (em Fão); Lages - 1723 (na Póvoa) - 1853 (em Fão); Maio - 1308 (na Póvoa) - 1663 (em Fão); Maravilha - 1663 (na Póvoa) - XX (em Fão); Manso - 1614 (na Póvoa) - 1840 (em Fão); Micharro - 1864 (na Póvoa) - XX (em Fão); Monte - 1721 (na Póvoa) - 1821 (em Fão); Mouco - 1550 (na Póvoa) - 1782 (em Fão); Pedra - 1866 (na Póvoa) - XX (em Fão); Perna - 1841 (na Póvoa) - XX (em Fão); Perpetua - 1813 (na Póvoa) - XX (em Fão); Piçorrico - 1899 (na Póvoa) - XX (em Fão); Rato - 1602 (na Póvoa) - 1777 (em Fão); Rego - 1627 (na Póvoa) - 1750 (em Fão); Regadas - 1709 (na Póvoa) - XX (em Fão); Reina - 1797 (na Póvoa) - 1894 (em Fão); Salgado - 1694 (na Póvoa) - XX (em Fão); Serguilha - 1762 (na Póvoa) - XX (em Fão); Simão - 1719 (na Póvoa) - XX (em Fão); Torre - 1767 (na Póvoa) - 1856 (em Fão); Viana - 1680 (na Póvoa) - 1782 (em Fão).

Com origem indefinida, dada a proximidade de datas, apresentamos mais os seguintes:

Areias - 1722 (na Póvoa) - 1728 (em Fão); Maiato - 1759 (na Póvoa) - 1763 (em Fão); Neto - 1815 (na Póvoa) - 1813 (em Fão); Saboga - 1797 (na Póvoa) - 1792 (em Fão); Tinoco - 1762 (na Póvoa) - 1754 (em Fão).

Resta-me constatar, que dos Antropónimos mencionados, tive como antepassados em Fão, os Branco, Areias e Pinheiro; e na Póvoa, os Bexiga, Costa, Graça, Lages, Leandro, Maio, Morim, Monte e Regadas.

Óscar Fangueiro

O Pica, Eu e os lanches dos defuntos (Continuado da pág. 12)

falecimento de certas pessoas, editais esses, que eram lidos, um por um, pelo PICA, com lápis e papel na mão.

Sem perceber, ainda, as suas intenções, perguntei com certa inocência:

— Ó PICA, o que estás a fazer com esses rabiscos?

Com o seu ar bonacheirão e bigode fininho, respondeu-me:

Estou a escolher o melhor sítio para irmos lanchar. Anda daí!

E lá me arrastou até às bandas da Avenida dos Combatentes, que vai dar ao actual Estádio Municipal, no Calhabé.

Olhando, então, para o papel que rabiscara, anteriormente, frente à montra da Coimbra Editora, disse-me, baixinho:

— É este o número. É palacete rico. Deve ser bom! Completamente atónico com o que passava, insisti:

— Mas, é bom porquê e para quê?

Com toda a calma, o PICA, em surdina, esclareceu-me:

— Nesta moradia está um velório. E, como deves saber, é hábito e, até, de bom tom, estar o defunto no seu caixão, numa das salas, enquanto noutra, a mesa dos “comes e bebes”, oferecidos às pessoas que vêm apresentar as condolências. Anda, vem atrás de mim e faz o que eu fizer!

E, lá fui com ele, confesso que um tanto receoso, mas fiel cooperante.

Entrámos. Subimos um lance de seis degraus. Do lado direito, a sala do falecido, bem composto e aconchegado no seu esquife, rodeado de muitas coroas de flores colridas a contrastar com o negrume das vestes de muitos condófnos presentes, de lágrima no olho, conversando baixinho e bisbilhotando, de soslaio, quem entrava e saía, em mórbida curiosidade.

O PICA, então, com andar mansinho, em atitude de circunspectante tristeza, dirigiu-se à pessoa que julgara ser o parente mais próximo do defunto, estendeu-lhe a mão e, com intencional emoção, apresentou-lhe os sentidos pêsames da praxe.

Eu, pasmado, sempre atrás dele, não fiz mais do que, integralmente, lhe seguir o exemplo, embora tivesse

sentido um certo arrepio, quando passei pelo morto, tão sossegado e arrumadinho, no seu caixão de mogno, com vistosas pegas douradas e outros sinais exteriores de riqueza.

Estivemos uns minutos, em contemplação circunstancial, naquele tristonho ambiente fúnebre, até que o PICA desandou, sorratamente, para a porta de saída da sala do velório. E, eu, claro, sempre atrás dele.

Mesmo em frente, deparámos com a almejada saleta dos “comes e bebes”. Entrámos, de olhos gulosos. Um espectáculo de sortidos manjares, em cima de longa mesa ricamente atalhada e com guardanapos e tudo, onde não faltava, sequer, bom vinho em vistosas canecas de fina porcelana.

Se junto do malogrado falecido, que nunca conhecemos em vida, embora a família o supusesse, apenas estivemos uns parcos minutos, nessa apetitosa sala permanecemos largo tempo, sempre saboreando bem regados pitéus. E, que pitéus!

É certo que ainda fizemos esta prática mais quatro ou cinco vezes, mas sempre em velórios em lugares distanciados, não fosse que a reincidência em moradias muito próximas e dando, por isso, nas vistas, se tornasse deveras conhecida e nos provocasse os consequentes dissabores.

Enfim, estas peripécias, fazem lembrar-me, que se, em Boticas, lá para Trás-os Montes, tem ainda fama o “VINHO DOS MORTOS”, engarrafado e enterrado para escapar aos saques dos invasores franceses, também o PICA, mais de cem anos depois, com o seu génio improvisador, inventou o “LANCHE DOS DEFUNTOS”, de que ambos, durante algum tempo, tivemos bom e opíparo proveito.

“FÃO – SEUS ESPECTÁCULOS DE REVISTA” (Conclusão)

— **Palestra proferida na Cooperativa Cultural de Fão Por Carlos Rodrigues Palma Rio**

Os autores desta revista foram os que restam vivos: *Mário Belo, Artur Costa, Armando-Barbosa, Armando Solinho e este vosso Amigo*. Os acompanhamentos musicais estiveram a cargo de: *Mário Belo, Armando Barbosa, Alberto Cardoso, António Solinho e seu Filho, José Saraiva, sendo Ensaíador: Armando Solinho; Encenador: Celestino Martins; Ponto: Belmiro Viana; Iluminadores e sonoplastas: Miguel Pereira e Manuel Carlos Pereira*.

É justo lembrar também aqui *José Ramos da Silva*, que teve várias participações em espectáculos e cujas capacidades nem sempre puderam ser demonstradas, através de temas que tratou com grande acuidade.

Finalmente, temos de concluir que há muita massa humana para prosseguir, feita a partir do infantiário, passando pelas escolas, como se tem verificado nestes últimos tempos. O que parece inequívoco e exactamente constatado, é que faltarão as diligências para aglutinar todo um potencial que está a emergir e que clama pelos nossos letrados, empreendedores, ou instituições, suscitando-os a abdicarem um pouco das suas comodidades e a empenharem-se mais, repartindo o seu saber, bem como algumas das suas prováveis ou hipotéticas vertentes da arte.

Fão tem características próprias para o teatro de revista e não outro tipo de teatro. Tem sensibilidade, sentido de humor apurado, através da sátira ou crítica algo mordaz e a tal musicalidade a que aludi anteriormente.

Porém, torna-se imperioso que se promovam as indispensáveis medidas que espicassem aquele brio Fangueiro, por forma a que não se perca aquele passado artístico e faustoso, mas, pelo contrário, se impulsionem mais intensamente, com perspectivas de continuidade e garantias futuras.

As gentes de Fão aguardam ansiosamente e os nossos vizinhos quedam-se nas expectativas de um dia poderem disfrutar, como nós, da alegria das Revistas Fanguieiras.

DISOL



FERRAMENTAS ELÉCTRICAS

COMPRESSORES



GERADORES

ANTUNES & IRMÃO

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



PRAGAS DA MACIEIRA

A decisão de tratar o pomar é tomada quando o número de borboletas capturadas (somatório das capturas), é **igual ou superior a 7**. Continuando as observações até final do mês de Setembro, só deve ser efectuado novo tratamento quando já tenha sido ultrapassado o intervalo de persistência do produto utilizado e se tenha registado novamente um número de capturas igual ou superior a 7.

FIM

SILAGENS EM FARDOS REDONDOS PLASTIFICADOS

As ensilagens em fardos redondos plastificados permitem obter silagens de qualidade igual ou mesmo superior ao sistema tradicional.

Em algumas situações este processo é mais **simples, económico, rápido e menos poluente**. Apresenta ainda outras vantagens:

- Para efectivos reduzidos a obtenção da silagem torna-se mais económica;
- Corte da forragem no momento ideal, com vantagem para a sua qualidade;
- Não depende da capacidade de instalação de silos;
- É menos dependente das condições meteorológicas;

- Facilita o transporte para fora da exploração;
- Conservação dos excedentes da produção.

OPERAÇÕES DA ENSILAGEM

Corte e pré-secagem

O valor nutritivo da silagem depende da da forragem verde. Assim, as gramíneas devem ser cortadas no início do espigamento e as leguminosas ao abotoamento.

Após o corte, a forragem deve ser pré-fenada até atingir teores de 30 a 40% de matéria seca. Nestas condições reduzem-se a quantidade de efluentes e a degradação da proteína.

TIPOS DE ENFARDADEIRAS

Enfardadeira de **câmara de prensagem variável**: produz fardos de diâmetro de 90 a 180 cm mais densos no centro.

Enfardadeiras de **câmara de prensagem fixa**: produz fardos mais duráveis, compactos e de diâmetro fixo (120x120 cm).

As **enfardadeiras com facas** têm várias vantagens:

- Recorte da forragem de 7 a 20 cm (dependendo do número de facas);
- Melhoria da qualidade do ensilado devido a fermentações mais rápidas;
- Aumento da densidade dos fardos até 15%;
- Menores gastos na plastificação por tonelada de silagem;
- Desenrolamento e distribuição mais fácil;
- Maior ingestão pelos animais;
- Aplicação uniforme dos conservantes.

Atar os fardos

Há três possibilidades de atar os fardos. Pode utilizar-se tanto a rede como o fio (*nylon*) cada um sozinho, ou em conjunto. Embora seja mais cara, a rede dá maior segurança aos fardos, principalmente com material recortado. São necessárias duas a três voltas de rede; em combinação com fio são suficientes 1 a 1,5 voltas. A utilização de rede e fio é aconselhável quando os fardos são manuseados várias vezes.

Utilização de conservantes

O tipo de fermentação dos fardos redondos plastificados é semelhante ao das

silagens convencionais, para os mesmos teores de matéria seca.

A aplicação de conservantes é recomendada em condições desfavoráveis à pré-fenação. O uso de conservantes pode também justificar-se a teores acima dos 35% matéria seca, para compensar a reduzida actividade fermentativa.

PLASTIFICAÇÃO

A plastificação deve ser feita 2 a 6 horas após a feitura dos fardos, a fim de reduzir as reacções químicas que provocam o aquecimento da massa ensilada. É uma operação de grande importância, porque dela depende a eficácia deste processo de ensilagem.

Características do filme plástico

- O plástico deve ser de **cor branca**, que reflecte o calor, ao contrário do preto que o absorve;
- **Largura**: 500 ou 750 mm;
- **Espessura**: (0,025 mm);
- **Resistência** à perfuração e ao rompimento;
- Uma **elasticidade** de 70% facilita a aderência ao fardo das camadas interiores do filme e melhora a compressão em 20%. Os filmes de cor branca apresentam maior aderência;
- **Resistência às condições climáticas** e raios ultra-violeta.

Colocação

– O filme deve ser sobreposto em 50-55%, conforme o mínimo de quatro ou seis voltas, conforme o grau de lenhificação dos materiais ensilados.

MANUSEAMENTO E ARMAZENAMENTO

Após a plastificação, o manuseamento deve ser o mínimo possível, uma vez que a espessura do plástico é muito pequena, existindo sempre o perigo de se danificar (com seis voltas tem cerca de 0,1 mm).

Se o filme se rasgar ou perfurar, deve ser reparado imediatamente com fita adesiva, ou replastificado novamente.

Os fardos devem ser armazenados num local com ligeiro declive, sobre uma cama de areia fina e limpo de pedras e materiais cortantes.

(Continua no próximo número)

AS BIBLIOTECAS DE ALEXANDRIA

por PIRES DE AZEVEDO

Quando o macedónio Alexandre Magno (sec. IV a.C.) dominou o Egipto – apenas uma das parcelas do seu império, o maior até então já-visto no Ocidente, pois ia da península grega até ao Indo –, deixaram os seus homens, sobre a margem do rio Nilo, uma pequena povoação que, entretanto, desenvolvendo-se desde aí, ainda hoje é uma das grandes cidades do continente africano. Em homenagem ao remoto fundador, que ali terá morrido com apenas 33 anos de vida, chamou-se ela Alexandria.

Repartido que foi o vasto império alexandrino (finais desse séc. IV a.C.), a dinastia dos Ptolomeus reinou no Egipto. E o primeiro desses fez nascer, na jovem cidade de Alexandre, aquele que foi, por muitos séculos, o maior complexo cultural mediterrânico: a famosa Biblioteca de Alexandria.

Além de instalações próprias para receber os “livros” desse tempo – manuscritos em milhares de rolos de papiro, muitos deles com dezenas de metros de comprido –, havia espaços para o encontro de estudiosos, um observatório astronómico, um parque botânico, um jardim zoológico, um teatro anatómico, etc. Assim, a Biblioteca e o seu Museu domínio das musas, divindades inspiradoras das artes, ciências e letras –, constituíram, no seu todo, uma verdadeira academia, repositório maior do saber humano, centro propiciador de muitos progressos possíveis...

Cerca de três séculos passados sobre essa promessa cultural, já então sob o império de Roma, o Cristianismo nasce, sofre e triunfa, desencadeando uma verdadeira revolução. Debruçados sobre os textos bíblicos, muitos sábios se esforçam por compreender a Nova Fé, confrontando-a com as ideologias até aí vigentes. Foi tempo de escolas e intérpretes, ortodoxias e heresias... E o Egipto não foi excepção, naturalmente.

À sombra talvez da venerável Biblioteca, ficou célebre a Escola de Alexandria, sobretudo graças ao judeu Pflon (séc. I a.C. - séc. I d.C.). De formação

cultural grega, língua em que estudara a Bíblia, mormente o Antigo Testamento, concebeu ele uma engenhosa “plataforma de entendimento” entre o espírito greco-latino e o espírito judaico-oriental. Grosseiramente embora, tentemos resumir tal concepção.

Sendo a Bíblia um conjunto de textos poéticos, ela deveria entender-se, não à letra, mas em sentido figurado, simbólico, alegórico. Por outro lado, sendo bem antiga a revelação hebraico-judia, desde longa data ela teria começado infiltrando-se no pensamento helénico; por isso, grandes legisladores e filósofos – Sólon ou Xenófanes, Eleatas ou Empédocles, Platão ou Aristóteles, por exemplo, – expressariam já pensamentos “pré-cristão”. Por essa via afinal, parecia viável o entendimento entre as duas ideologias, aparentemente irreconciliáveis...

Mais séculos rolaram, entretanto. E a multi-centenária Biblioteca de Alexandria, como todo o Mundo, foi sofrendo mudanças, crises e desmandos de vária ordem.

Segundo uma tradição, o último assalto que a vitimou terá acontecido por meados do séc. VII d.C.: sob o império muçulmano do califa Omar, aquele riquíssimo património teria acabado disperso e incendiado, crime de lesa-cultura, cometido em nome de uma “guerra santa”, porventura semelhante a tantas outras que ainda hoje incendeiam o Planeta...

Afinal, agora se anuncia o surgimento da nova Biblioteca de Alexandria, repositório maior do saber humano, centro proporcionador de muitos progressos possíveis...

Pois então, em plena consciência da nossa infinita pequenez, ajudemo-la todos a crescer! Mas...

Mas, lembrando a responsável Escola de Pflon, uma dúvida se nos levanta: será a nova Biblioteca sinal também de louváveis tentativas de conciliações ideológicas?

É que os Saberes constantemente se acrescentam; mas a Sabedoria, essa, não parece haver crescido na mesma proporção.

Tão difícil, mudar mentalidades!...

FALECIMENTOS

Em 12 de Dezembro faleceu Nuno Machado Ferreira, de 24 anos. Caiu de uma obra perto do parque de campismo.

– Com uma idade avançada, faleceu no Lar da Terceira Idade o nosso conterrâneo António José de Faria (Bibito).

Aos familiares apresentamos as nossas condolências.

 **Optica**

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. 253205170 • Fax: 253205179 – 4700-319 BRAGA

E-mail: aleixo.ferreira@oninet.pt

A CONSTRUÇÃO NAVAL NA PÓVOA DE VARZIM

JOSÉ DE AZEVEDO

No início do séc. XVII, a Póvoa aparece como um centro de construção naval, pelo que em 1624, é construída aí a nau “N. Sr.ª de Guadalupe”, com destino ao Brasil, sob o comando de um poveiro, Diogo Pires ou (Dias) de S. Pedro.

Em 1680, constata-se que um terço da população está ligada à construção naval, de embarcações para a navegação mercante.

Os carpinteiros poveiros, devido à sua capacidade técnica, foram solicitados pelos estaleiros da “Ribeira das Nãos”, em Lisboa, pelo que muitos, foram para lá trabalhar, durante o séc. XVII.

No primeiro quartel do séc. XVIII, verifica-se o declínio dos Estaleiros da Ribeira, em virtude do assoreamento que se operava na costa portuguesa.

Os estaleiros passaram, desde então, a construir apenas embarcações de pesca em elevado número, acompanhando o seu progresso.

Em 1807, a Câmara decide a mudança do estaleiro da Ribeira, para a Caverneira, a fim de criar espaço para a actividade comercial do pescador, ficando aqui também, “depósito de madeira e local de todos os barcos”.

Em 1848, havia um estaleiro ao norte do Castelo, e outro à volta da Igreja da Lapa, em 1861.

Em 1851, “o terreno em volta do templo da Sr.ª da Assunção, estava ocupado com a factura de Lanchas e depósito de madeiras.

Em 1854, havia na Póvoa, três navios mercantes, que totalizavam 213 toneladas, e que foram construídos em Vila do Conde.

Neste período, foram construídos também em Vila do Conde, dois Brigues, um Hiate e um Patacho, cujos capitães eram poveiros.

Em 1856 e 1857, foram construídas na Póvoa, uma Barca e cinco Rascas, com destino a outros portos.

No que respeita às embarcações utilizadas na pesca, dispomos de dados referentes a 1789 e 1890.

Em 1789, havia:

– Lanchas, de 42 até 52 palmos de comprimento e 15 de largura, com 2 mastros e 2 velas;

– Bateis, de 21 de quilha e 10,5 de largura, com uma vela ou duas velas;

– Catraias, com um mastro e uma vela sendo mais pequenos ainda.

Em 1890 continuavam a existir as três embarcações, mas só conhecemos as características da lancha.

Era uma embarcação de “boca aberta”, tendo 30 a 40 palmos de quilha e 14 a 16 de boca, sendo o pontal à vante, maior que à ré.

Tinha um mastro e vela latina, dispondo de um compartimento fechado, chamado quilha, em cima do qual colhiam as redes e que poderia abrigar três ou quatro homens.

É curioso saber, que a lancha poveira, foi considerada imprópria para navegação do largo e não estava nas condições impostas pelo artigo 180.º, do regulamento das capitânicas de 1/8/1884.

PINHAL E MAR

Pinhal e mar.

Dum lado o verde.

Doutro lado o azul.

E entre ambos,

Dunas de areias douradas,

Donde em tardes luminosas,

Assistil extasiado

A mil poentes cor-de-rosa.

JOSÉ CÂNDIDO GOMES DA FONTE
de “Entre o rio e o mar”



CASAMENTO

No passado dia 5 de Outubro de 2002 no Templo do Senhor Bom Jesus de Fão, celebrou matrimónio *Cátia Liliana Solinho Vassalo*, filha de José Manuel Ribeiro Vassalo e de Maria de Fátima C. Solinho, de Goios, onde era catequista, e, *Carlos Manuel Faria de Oliveira*, filho de Fernando B. Oliveira e de Laura de Faria Mariz, de Fão. Presidiu à celebração o seu tio paterno Padre António Vassalo.

Ao jovem casal que foi em viagem de núpcias ao Brasil os nossos parabéns com votos de vida longa e feliz.

CANTINHO DA MULHER Por MITÓ

Cá estamos de novo, ao começar o ano, que eu desejo que para todos seja o melhor possível, e que se realizem todos os vossos sonhos.

Embora na época de Natal e Ano Novo tenha sido normal comer bacalhau e peru, eu atrevo-me mais uma vez a sugerir outro bacalhau e uma maneira também diferente de cozinhar peru.

Bacalhau com molho de ovo

Escalde um lombo de bacalhau com água fervente, onde colocou um ramo de salsa e um dente de alho. Tapa-se e fica assim cinco minutos. Escorre-se bem e faz-se em lascas grandes. Batem-se claras em castelo, polvilhando-se as lascas de bacalhau com queijo ralado (facultativo), passam-se nas claras e fritam-se em bastante azeite. Vão-se colocando num pirex ou travessa. Batem-se gemas de ovos, deixando-se cair em gota o azeite que sobrou de fritar o bacalhau, mexendo-se sempre com colher de pau, como se fosse maionese. Tempera-se este molho, que deve ser abundante, com pimenta, sal, salsa picada e deita-se a cobrir o bacalhau. Serve-se acompanhado de batatas fritas às rodelas.

Strogonoff de peru com ananás (para 4 pessoas)

1 kg de bifes de peru, sal e pimenta q.b., 60 gr. de manteiga, 3 dentes de alho picado, 1 cebola grande picada, 2 decilitros de vinho branco, 1 cubo de caldo de galinha, 2 decilitros e meio de natas, 1 colher de chá de mostarda, 1 colher de sopa de polpa de tomate, 100 gramas de cogumelos laminados. Corte os bifes em tirinhas finas. Num tacho leve ao lume a manteiga,

junte os dentes de alho picados e pouco depois a cebola picada. Mexe-se até alourar. Em seguida, adicione o vinho branco, o cubo de galinha, as natas, a mostarda, as tirinhas de peru, os cogumelos laminados e a polpa de tomate. Deixe ferver e se o molho for pouco, acrescente um pouco de água. Rectifique o sal e a pimenta e deixe apurar. Entretanto, descasque o ananás e parta-o em pedacinhos. Coloque o strogonoff num prato de serviço e em volta disponha os pedacinhos de ananás. Acompanhe com arroz branco.

E como no Natal e Ano Novo já comemos muitas guloseimas, vamos fazer uma pausa na "Receita de Doce" até ao próximo mês.

Sugestão

Como sei que todas as leitoras gostam muito de plantas aqui vai uma "dica": Se o leite azedou ou o prazo de validade passou, não o deite fora. Misture-o com água e regue com ele as plantas. É um excelente adubo.

Espero mais uma vez que gostem de tudo o que hoje escrevi para todas as amigas, assim como eu gostei de o fazer.

E desejo a todas uma boa leitura, e até ao próximo mês se Deus quiser.

Conselho Económico Paroquial (COEP)

Foram nomeados os membros do Conselho Económico da nossa Paróquia que passamos a apresentar:

Presidente: P. Manuel da Rocha (Presidente do COEP e de todos os organismos paroquiais).

Secretária: Maria Armada Gaifém Soares Gomes do Vale.

Tesoureiro: Emídio Real de Moraes.

Vogais: Manuel Ribeiro da Costa e José Lobarinhas Garrido.

Este Conselho, que administrará os bens e fará contabilidade da paróquia, estará em funções de 1 de Janeiro de 2003 a 31 de Dezembro de 2005.

Em caso de dúvida
nalguma palavra deste
jornal, dedique-se por uns
momentos a outra leitura.



8.ª edição



PORTO EDITORA

NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur L. Costa
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Dias Costa
Florinda de Almeida
Maria Henrique Duval
Rosa Fonseca
António Viana
Maria Salomé
António Curado
Artur Saraiva
Edmundo Marques
José Cândido Gomes da Fonte
Emília Saraiva
M.ª Antonieta Vilas-Boas

REGISTO DO TÍTULO: 110131

CONTRIBUINTE N.º 143 241 702

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, 5 - 4740-353 FÃO ou
Apart. 36 - 4740-908 FÃO
Telm. 919 451 667 / Telfs. 226 000 295 / 253 981 475
E-mail: onovofangueiro@sapo.pt

TIRAGEM: 1.100 Exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - 4490-628 PÓVOA DE VARZIM
Telfs. 252 615 230 / 252 684 318 - Fax 252 684 304



Clínica Dentária Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.ª a 6.ª feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 - 1.º Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telefone: 253.96 16 16

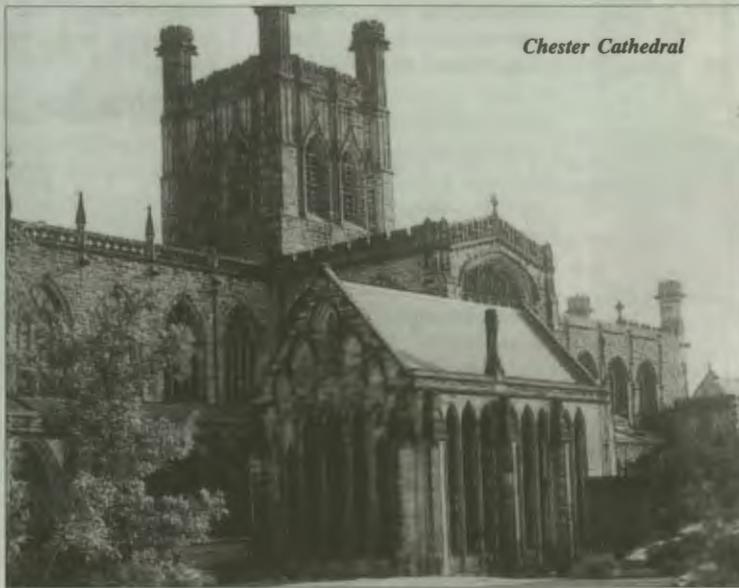
CATEDRAL DE CHESTER: ALMOÇAR NA SALA DOS MONGES!

Por DIAS COSTA

O propósito do jornalista era viajar até Manchester e Liverpool. Mas a bonita e milenar (cerca de dois mil anos de História) Chester foi incluída, por conselho do director ex-Portugália Ruy Cayolla, que foi delegado cinco anos na cidade do "United" e colaboração da directora no Porto D. Marilene Magalhães. E ali registou um momento invulgar e de grande qualidade: almoçar (bem) na imponente Sala dos Monges da espectacular catedral, cujo historial remonta a uma igreja do século X. Então, durante o almoço dos monges, comido em silêncio, um deles lia, no alto do púlpito.

Agora, enquanto apreciei uma boa refeição por preço acessível, delíci-me com músicas tocadas num piano por uma senhora inglesa já bem veterana! Momento delicioso e invulgar! Como foi o de visitar uma linda cidade que remonta aos tempos dos romanos e na qual, em várias dezenas de temas obrigatórios de visitar, avultam as casas, uma maravilha para os olhos. Fácil de visitar, em percursos pedonais, e bem ao alcance de quem esteja em Liverpool ou Manchester, graças a (bons) comboios e bus,, após pouco mais de uma hora de viagem. Chester? Sim!

Como também me delíci-me com tudo que vi, e muito foi apesar do contra-relógio, nas terras dos "Bee Gees" (Manchester) e dos Beatles (Liverpool). Naquela, tudo é Arte agora sem ter que pagar entradas, como a Manchester Art Gallery, a Whitworth, a também esplendorosa catedral, os Jardins de Picadill, a Praça vitoriana de Town Hall, com a estátua "Albert Memorial", o Museu da Guerra e o Museu da Ciência e Indústria, este com aproveitamento de cinco grandes edifícios da antiga e enorme estação. Sem esquecer os cafés, restaurantes e clubes, e respectivo "movimento especial humano" dos homossexuais e lésbicas da famosa "Gay Village", perto do Palace Theatre onde presenciei um excelente musical sobre a parte final da vida da estrela Noima Desmond, um teatro enorme, com desenho ao jeito dos nossos S. João e S. Luís. No passar pelas ruas de Manchester, as cadeiras da Art Gallery para os visitantes levarem às diversas salas, com posterior devolução, tudo grátis. Ainda a manifestação, na rua, dos "Quakers", com cartazes dizendo que "A guerra não é a resposta". E porque o "city-tour" tinha acabado a 15 de Setembro (o que me faz discordar, apesar da cidade não ser tão turística como comercial e industrial) o recurso a visitas guiadas em táxis com motoristas especializados, talvez uma boa sugestão para algumas cidades de Portugal... Táxis coloridos com publicidade variada, predominando as



bebidas alcoólicas. Mas, no meu, o anúncio era de água mineral! Voltando à Arte, nas diversas galerias, muita actividades junto dos jovens, orientada, e com o conselho de "Mexer é obrigatório!"

Comum das duas cidades, o "mexer" das noites, nas discotecas e clubes, com grupos de dez e doze "delas" e "deles", nas primeiras escasseando a roupa, mesmo com o "fresquinho" nocturno e sobrando o álcool e o champanhe, por vezes todos em grandes limousines! Em Liverpool, um anseio de muitos anos do jornalista, o espectacular Museu dos Beatles, o movimento da zona das docas do "Albert Dock", paragens de autocarros impecáveis, inteiras, com bancos e informações em vídeos, tudo impecável. Na pizzaria "Bella", o português Ricardo, filho de emigrantes em França, com colegas vestindo calças e aventais à moda do Boavista, "concorrentes" do Manuel do Laço! Também o prazer, enorme e vasto, de visitar a Tate Gallery, a famosa Mathew Street do bairro das "Cavern" dos Beatles, onde a cerveja corre em cascata, enquanto se fala ruidosamente e se vê, nos televisores, o jogo da equipa do Bobby Robson e Hugo Viana. Na cidade onde o futebolista Michael Owen faz concorrência aos Beatles com enorme cartaz junto às docas, também os Museus do Mar, a Walker Gallery, o da cidade propriamente dita e as duas catedrais, esplendorosas nos seus estilos tão diferentes. Talvez a impressionar e agradar mais, o Museu "Liverpool Memories" com as recordações de uma centena de anos da grande cidade. Numa das fotos, o jogador Graeme Souness, que treinou o Benfica, ao lado de muitos ilustres do futebol inglês. E, no city-tour, com guia inglesa, as bagagens e malas dos Beatles na Mount Street, bem como o autocarro-anfibio, cheio de crianças, com o claxon a imitar a "voz" dos patos, correspondendo ao nome de "Liverpool Ducks". No regresso, a recordação da voz de John Lennon, com o seu admirável "Imagine" a apelar à Paz em todo o mundo...

SOBRE O PICA



O mais célebre "estudante-boémio" de todos os tempos

O Pica, Eu e os lanches dos defuntos

Por ANTÓNIO CURADO
(Antigo jogador da Académica e actual presidente da CASA DA ACADÉMICA NO PORTO)

Se os pecados que cometemos, neste mundo, irão ser passíveis de conseqüente castigo no além, então é certíssimo que, a esmagadora maioria de nós terá de prestar contas no "juízo final". Por isso se afirma até, que existe o céu, o paraíso, o purgatório e o diabólico inferno, como lugares condizentes com a proporcionalidade da graveza dos nossos erros em vida.

Consolemo-nos, porém, com a generalizada convicção de que os pecadilhos praticados durante a irreverente juventude, serão tidos como aceitável atenuante.

O caso verídico que vou contar, acontecido já em tempos idos, espero bem que se englobe, cabalmente, nessa consoladora convicção, perspectiva essa que me deixa muito mais aliviado.

Ora, attem, pois, no inusitado acontecimento de que fui um dos principais figurantes e que, ainda hoje, me faz pensar a consciência.

Ocasionalmente, nessa tarde já longínqua, apenas eu e o célebre "estudante-boémio" PICA aparecemos no habitual e diário ponto de encontro, no Café Arcádia ou na Brasileira. Dos restantes companheiros da nossa trupe e das tradicionais folias, nem vê-los, o que era raríssimo.

Após bastante tempo de espera inútil, resolvemos deambular pelas concorridas ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, olhando para aqui e ali, mirando, claro, mais as moçoilas do que as montras.

Muitos minutos foram passando nesse compulsivo vaivém, despido de qualquer pontual interesse, até que chegou a hora do lanche.

Foi então, que o célebre PICA, virando-se para mim, desabafou:

- Na noitada de ontem abusei. Hoje só beberei uns copos lá para a noite. Agora, apenas queria comer qualquer coisa boa, que me aconchegasse o estômago. Mas, estou teso. E tu?

Perante a minha desconsolada e negativa resposta, o PICA, depois de matutar um pouco, agarrando-me o braço, disse:

- Já sei. Anda daí!

Perplexo, lá o segui, sem saber o que iria naquela cabecinha pensadora, até que ele parou junto da Livraria Coimbra Editora, na esquina que dá para o Arco de Almedina, com os olhos fixos numa das montras.

Eu, continuava abstracto, só reparando que, nessa montra, estavam afixados alguns editais anunciativos do

(Continua na pág. 8)

CASAMENTOS

Espectacular salão c/ ar condicionado, Tv Gigante e sistema de som!

Temos o melhor serviço, as melhores ementas, a melhor decoração e o melhor PREÇO!

O s/ CASAMENTO vai ser animado c/ rancho folclórico, banda de música, cantares ao desafio e palhaços

Tudo isto completamente grátis!

Consulte-nos e explicamos o porquê desta "oferta"

QUINTA DA MALAFAIA

Antas-Esposende - Tel. 253 20 37 40 - Fax 253 20 37 49

ARRAIS TODOS OS SÁBADOS



Malafaja Banquetes